

LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO EM LÍNGUA INGLESA E ALGUMAS FORMAS DE AUTOINSCRIÇÃO

AFRICAN LITERATURES WRITTEN IN ENGLISH AND SOME FORMS OF SELF-INSCRIPTION

Valeria Silva de Oliveira ¹

ROR Universidade do Estado do Rio de Janeiro

 valeriaoliveirateacher@gmail.com



RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar algumas formas de autoinscrição de existências e subjetividades de mulheres africanas. Entre essas formas, destacam-se romances, poemas, ensaios, contos e testemunhos. Para o presente estudo, foram analisadas principalmente algumas obras da somali-britânica Nadifa Mohamed que através de romances, poemas, ensaios e contos (re)inscreve narrativas e memórias individuais e coletivas que surgem tanto a partir da terra natal quanto da diáspora. Constatou-se que o trabalho de escrita de Nadifa Mohamed resulta em um corpus cujo conteúdo vai de encontro a uma histórica prática de simplificação da complexidade. Neste artigo, há também um breve estudo de alguns testemunhos apresentados na obra *Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women* organizados e editados por Judith Gardner e Judy El Bushra. Nessa obra, observa-se que o testemunho enquanto gênero narrativo se apresenta por meio das vozes das mulheres africanas, mais especificamente da África Oriental, das mais variadas formas, inclusive no formato de um poema. Por fim, cabe destacar que as escritas selecionadas para o presente estudo encenam múltiplos formatos de representações das vozes, trajetórias, vivências e olhares das mulheres africanas e revelam a necessidade de um olhar atento para as especificidades de cada forma de autoinscrição.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas anglófonas; Mulheres africanas; Tradução transcultural; Memórias africanas; Nadifa Mohamed.

ABSTRACT: This article aims to present some forms of self-inscription of the existences and subjectivities of African women. Among these forms, novels, poems, essays, short stories and testimonies stand out. For the present study, we mainly analyzed some works by Somali-British Nadifa Mohamed who, through novels, poems, essays and short stories, (re)inscribes individual and collective narratives and memories that emerge both from her homeland and from the diaspora. It appears that Nadifa Mohamed's writing work results in a corpus whose content goes against a historical practice of simplifying complexity. In this article, there is also a brief study of some testimonies presented in the work *Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of Somali women* organized and edited by Judith Gardner and Judy El Bushra. In this work, it is observed that testimony as a narrative genre is presented through the voices of African women, more specifically from East Africa, in the most varied forms, including in the format of a poem. Finally, it is worth highlighting that the writings selected for the present study stage multiple formats of representations of the voices, trajectories, experiences and perspectives of African women and reveal the need for a careful look at the specificities of each form of self-inscription.

KEYWORDS: Anglophone literatures; African women; Cross-cultural translation; African memories; Nadifa Mohamed.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 25 (Dossiê Especial/2025)

Informações sobre a autora:

1 Doutorado em Letras (Área de concentração: Literaturas de Língua Inglesa), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Mestrado em Letras (Área de concentração: Estudos de Linguagem), pela Universidade Federal Fluminense; Graduação em Letras (Área de concentração: Inglês e Respectivas Literaturas (Bacharelado e Licenciatura), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Graduanda em Filosofia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



10.29281/rd.v13i25.16269

Fluxo de trabalho

Recebido: 16/10/2024

Aceito: 26/02/2025

Publicado: 28/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius



INTRODUÇÃO

A modernidade que se inaugurou com as grandes navegações do século XV se propagou e se consolidou ao longo dos séculos principalmente por meio de discursos e práticas fundadas em concepções que sustentavam a simplificação das complexidades sócio-históricas e geopolíticas locais e globais constitutivas do Outro não-europeu. Entre algumas das consequências das práticas de simplificação da complexidade, por exemplo, encontram-se o surgimento do “sujeito racial”, o qual é explicado por Mbembe (2018) como uma “fabulação” inventada com o objetivo de “[...] transformar a pessoa humana em coisa, objeto ou mercadoria” (Mbembe, 2018, 28) e a partilha da África que ocorreu entre os séculos XIX e XX.

A negação do protagonismo do Outro por meio de olhares, vozes e ações que partem de uma perspectiva eurocêntrica “deformante da história” ou, conforme afirma Enrique Dussel¹, (2003) posiciona a Europa como o centro de tudo, resulta não só no apagamento da diversidade das subjetividades como também de outras histórias e memórias possíveis. Conforme afirma Kwame Anthony Appiah,

O senso comum sobre a África que aparece nos relatos de cientistas e exploradores europeus até o século XIX é o de uma região sem História, onde os seres humanos viviam como sempre tinham vivido. A historiografia europeia era baseada na ideia de que a principal fonte de informação sobre uma civilização está nos arquivos, e foi isso que tornou o passado africano invisível para ela (Appiah, 2013).

Nesse sentido, conforme sugere Appiah (2013), em um contexto onde a principal fonte de informação está nos arquivos, qualquer outra forma de registro de informações estaria deliberadamente descartada pelo paradigma eurocêntrico. No entanto, a despeito da tentativa de imposição das mais diversas formas de apagamento das múltiplas subjetividades existentes, elas (re)existem e se reinventam no processo de luta pela sobrevivência. Assim como Edouard Glissant (1999, 63) em *History-histories-stories* propõe a criatividade como um caminho para o escritor caribenho seguir na busca pela reconstituição de fragmentos de memórias que atravessam as práticas cotidianas do referido contexto, Appiah (2013) destaca importância da leitura da literatura africana contemporânea como “um bom começo” para a desconstrução de estereótipos tendo em

¹ “This thesis, which I call the Eurocentric paradigm (in opposition to the world paradigm), has imposed itself not only in Europe and the United States, but in the entire intellectual realm of the world periphery. The chronology of this position has its geopolitics: modern subjectivity develops spatially, according to the Eurocentric paradigm, from the Italy of the Renaissance to the Germany of the Reformation and the Enlightenment, to the France of the French Revolution; throughout, Europe is central. The “pseudo-scientific” division of history into Antiquity (as antecedent), the Medieval Age (preparatory epoch), and the Modern Age (Europe) is an ideological and deforming organization of history; it has already created ethical problems with respect to other cultures.” (Dussel, 2003, 4).



vista que “Há muitos escritores tentando lembrar que a África não é só selvas e animais” (Appiah, 2013).

Tendo em vista o exposto, o presente artigo é um breve estudo das literaturas africanas de expressão em língua inglesa e busca apresentar algumas formas de autoinscrição de existências e subjetividades de mulheres africanas nascidas na África Oriental. Entre essas formas, destacam-se romances, poemas, ensaios, contos e testemunhos. O termo ‘autoinscrição’ é empregado no título para destacar que se trata de escritoras africanas narrando histórias sobre/de mulheres africanas que compartilham das mesmas origens que as autoras dos textos analisados. Autoras apresentadas no presente artigo se apropriaram de cada gênero textual citado para (re)inscrever narrativas e memórias individuais e coletivas, seja por meio da imaginação ou não. As respectivas escritas encenam diversas representações das vozes, trajetórias, vivências e olhares e revelam a necessidade de um olhar atento para as especificidades de cada forma de autoinscrição.

PARA ALÉM DE SELVAS E ANIMAIS

Para além de selvas e animais há poéticas da diversidade africana, subjetividades plurais, há mulheres em luta pela sobrevivência tanto em seu país natal quanto na diáspora. Esta seção objetiva tecer breves análises sobre algumas formas de inscrição dessas subjetividades, principalmente por meio de algumas obras de Nadifa Mohamed. Nadifa Mohamed nasceu em 1981, em Hargeisa, capital de uma região autônoma localizada no noroeste da Somália, chamada Somalilândia. Mohamed é sempre apresentada como escritora somali-britânica, tendo em vista que, aos quatro anos de idade, a sua ida ao Reino Unido teria se tornado definitiva após a eclosão de uma guerra civil em sua cidade natal, a qual tornou seu retorno inviável na ocasião. Permanecendo no Reino Unido, Mohamed ali cresceu e, na fase adulta, se formou em História e Política na *St Hilda's College* em 2003. Em 2024, a escritora foi agraciada com o título honorário de Doutora em Literatura *Honoris Causa* pela Royal Holloway, Universidade de Londres, em reconhecimento à sua contribuição para a literatura².

A despeito do implacável percurso linear do tempo, memórias somalianas silenciadas, fragmentadas e compartilhadas pelo pai e mãe de Nadifa Mohamed atravessam desde sempre sua existência presentificando o passado e projetando um futuro implicado pelas tensões do passado-presente/presente-passado. Através de vários gêneros textuais como contos, poemas, ensaios - sendo alguns autobiográficos - e romances, a escritora (re) inscreve uma imaginação peculiar sobre experiências somalianas no Chifre da África e no

² Disponível em: <https://www.royalholloway.ac.uk/about-us/news/author-nadifa-mohamed-awarded-honorary-doctorate/>. Acesso em: 08 fev. 2025.



Reino Unido. Os romances *Black Mamba Boy* (2010) e *The Orchard of Lost Souls* (2013)³, traduzidos no Brasil como, respectivamente, *Menino Mamba-negra* e *Pomar das Almas Perdidas* foram selecionados para inúmeras indicações e prêmios literários. Seu último romance publicado em 2023 se intitula *The Fortune Man*, e foi finalista do *Booker Prize 2023*. *Black Mamba Boy* (2010) e *The Orchard of Lost Souls* (2013) encenam conflitos e tensões de uma Somália colonial e pós-colonial, respectivamente. Já sua última obra, *The Fortune Man* (2023), tem como contexto Cardiff de 1952, País de Gales, e reescreve, por meio da narrativa ficcional, a história de um personagem da vida real, o somali Mahmood Mattan, que teria sido condenado injustamente na década de 1950 e sua família teria recebido um pedido oficial de desculpas apenas em 2022.

Em suas obras, Nadifa Mohamed realiza uma tradução transcultural ao, por meio da língua inglesa, buscar formas de expressão das subjetividades somalianas a partir de uma experiência diaspórica. Tendo em vista o objetivo do presente estudo, destaco a obra *The Orchard of Lost Souls* a qual encena uma Somália de meados da década de 80, no período pós-independência, tensionada por pressões internas e externas e às vésperas de uma guerra civil. A Hargeisa representada por Mohamed se revela principalmente pelas vozes e olhares de três mulheres de diferentes gerações e classes sociais: Deqo, Filsan e Kawsar. Deqo é uma criança órfã que logo no início da narrativa surge em meio a outras crianças que fariam parte de um campo de refugiados, mas que de lá foge na primeira oportunidade. Mesmo marcada por diversas formas de abandono e uma vida precária, Deqo segue resignificando sua história ao tentar compreender sobre si e àqueles que cruzavam seu caminho enquanto transita livremente pelas ruas em meio aos conflitos locais. Filsan, no auge de seus 30 anos e com uma carreira profissional estável, surpreende-se revendo e questionando suas escolhas e crenças profundamente abaladas pelas circunstâncias em que vivia, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Finalmente, a matriarca Kawsar, que já teria perdido marido e filhos, perde também a mobilidade de forma violenta em meio à escalada de tensões locais.

Acerca das obras de escritoras africanas, Sheila Laverde (2017) afirma que, além de apresentarem ponto de vista específico sobre o contexto alvo, essas escritas encenam também suas vivências de uma perspectiva particular,

Elas [...] escrevem sobre suas realidades, de maneira diferente daquela descrita pelos escritores africanos homens. [...] as mulheres africanas escritoras trazem perspectivas específicas para a avaliação de suas sociedades. Elas não se tornam apenas artistas, mas também desbravadoras das novas relações entre homens, mulheres e crianças (Laverde, 2017, 82).

³ Um estudo aprofundado das respectivas obras encontra-se na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/5987/1/Valeria%20Silva%20de%20Oliveira%20-%20Tese.pdf>



Obras ficcionais escritas a partir de uma imaginação marcada pela etnia, classe e gênero específico, além de romperem com as estruturas de um romance tradicional centrado em personagens masculinas, questionam discursos elaborados pela colonialidade e subvertem a histórica tentativa de apagamento das mulheres africanas. Da mesma forma, através de narrativas ficcionais, Mohamed (re)inscreve as subjetividades plurais de mulheres somalis que sofrem, amam, lutam e sobrevivem. É nesse contexto que Filsan, por exemplo, se vê, por meio da rememoração, refletindo sobre as decisões que tomou ao longo de sua vida devido a influência controladora do pai, sobre as coisas que deixou de realizar por conta dessas decisões e em como tudo isso impactava sua vida adulta, inclusive no campo dos relacionamentos afetivos. Na tentativa de se libertar das narrativas inventadas que se impunham e limitavam as potencialidades de sua existência, Filsan toma as rédeas de sua própria vida e mostra um possível caminho para emancipação. É importante acrescentar que, conforme já observado em um outro momento (Oliveira, 2019), a possibilidade de recomeço que se apresenta não só para Filsan, mas também para Deqo e Kawsar em um contexto ficcionalizado caracterizado pela precariedade e desesperança, pode também ser entendida, conforme sugere Brandão, como “[...] um devir que a própria sociedade somali ainda busca” (Brandão, 2018, 55).

Publicações como *Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women*, uma coletânea de testemunhos organizada por Judith Gardner e Judy El Bushra e *Daughters of Africa*, organizada por Margaret Busby, são citadas como algumas das referências que contribuíram para a escrita de *The Orchard of Lost Souls* (Mohamed, 2014, 335-336). Destaco para o presente estudo a coletânea de testemunhos organizada e editada por Judith Gardner e Judy El Bushra, “[...] ambas especialistas em relações de gênero no contexto de guerra/violência na África Oriental, principalmente na Somália” (Oliveira, 2019, 237). Conforme afirma John Bervely (2004), a narrativa de testemunho como a conhecemos hoje surge na tradição oral de marginalizados e “em sua encenação de voz, o testemunho afirma a autoridade da cultura oral na contramão dos processos de modernização cultural e transculturação que privilegiam o letramento e a literatura escrita como normas de expressão”^{4,5} (Bervely, 2004,19). Nesse sentido, o testemunho se destaca como mais um importante meio de (re)inscrição de vozes apagadas pela biblioteca/arquivo colonial.

É importante destacar que essas vozes que rompem com formas eurocêntricas e canônicas de narrar experiências individuais e coletivas se materializam na escrita de maneira específica. Nesse sentido, além de recursos da oralidade como diálogos, provérbios, expressões da língua falada, os testemunhos que brevemente tratam o presente artigo se

4 Todas as traduções, com exceção das indicadas nas referências, são de minha autoria.

5 “[...] in its staging of voice, testimonio affirms the authority of oral culture against processes of cultural modernization and transculturation that privilege literacy and written literature as norms of expression” (Bervely, 2004,19).

caracterizam pela predominância da narração de acontecimentos na primeira pessoa do singular e do plural e objetiva afetar o interlocutor. Há, assim, uma reorganização dos elementos narrativos, a qual acontece em função da necessidade de rasurar o dito pela biblioteca colonial e reinscrever o não-dito. Embora, Berveley entenda que o testemunho não seja um texto literário, ele não nega a natureza híbrida desse gênero textual tendo em vista a presença de elementos que poderiam levantar dúvidas quanto a natureza factual do testemunho, como, por exemplo, “[...] a presença de dispositivos literários originários tanto da tradição oral do narrador, quanto do conhecimento das normas e formas de expressão literária do compilador / editor no processo de reorganização/edição das narrativas” (Oliveira, 2019, 238). A despeito dessa problematização quanto à natureza factual ou ficcional dos testemunhos, “espera-se que experienciemos tanto o orador quanto as situações e eventos relatados como reais”⁶ (Bervely, 2004, 33).

A natureza híbrida desse tipo de texto também é observada por Anselmo Peres Alós (2008) que sugere como elementos constitutivos das narrativas de testemunho “os documentos antropológicos”, “a crônica periodista documental”, “a literatura autobiográfica ou memorialística” e “o *Bildungsroman*”⁷. Segundo Bushra e Gardner (2004), responsáveis pela organização e edição dos testemunhos apresentados em *Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women*, três questões gerais são apresentadas pelas vozes das mulheres somalianas que compartilharam suas lutas pela sobrevivência em um período de conflitos internos em sua terra natal: “a experiência de conflito das mulheres, o impacto do conflito nas relações de gênero e a participação das mulheres na arena política e, em particular, nas iniciativas de paz”⁸ (Bushra; Gardner, 2004, 12). Nesse sentido, sobre o impacto dos conflitos locais Habiba Osman, uma parteira de família agropecuária, realiza o seguinte relato:

As conseqüências eram muito tristes. Nós perdemos vidas, incluindo crianças e pais. Nós perdemos bens, nossas casas e finalmente uns aos outros na medida em que nossa família [membros] se juntaram aos despossuídos e fugiram para outros países estrangeiros: Iêmen, Etiópia, Canadá, e alguns ainda permanecem na Somália⁹ (Osman, 2004, 46).

6 “*We are meant to experience both the speaker and the situations and events recounted as real*” (Bervely, 2004, 33).

7 “[...] *Bildungsroman*, cujo aspecto que nos interessa para o presente estudo diz respeito não só à subjetividade que marca a narrativa, mas também à ideia de formação através da qual é possível compreender o amadurecimento / crescimento das mulheres através de uma permanente luta de resistência.” (Oliveira, 2019, 239).

8 “[...] *women’s experiences of conflict, the impact of conflict on gender relations, and women’s participation in the political arena and in particular in Peace initiatives*” (Bushra; Gardner, 2004, 12).

9 “*The consequences were very saddening. We have lost lives including children and parents. We have lost possessions, assets, our homes and finally each other as our Family [members] have joined the dispossessed and have fled to other foreign countries: Yemen, Ethiopia, Canada, and some still remain in Somalia*” (Osman, 2004, 46).



O testemunho de Osman denuncia não só uma diáspora forçada pelas circunstâncias impostas deliberadamente às mulheres e seus afetos, mas também a permanência de alguns que estariam sujeitos à imprevisibilidade e incertezas do referido contexto. É nesse contexto que, em luta pela sobrevivência, “as mulheres deslocadas se tornaram chefes de família e começaram a estabelecer pequenos negócios dentro e nos arredores de Brava. Algumas até arriscaram entrar nas zonas de guerra para trazer mercadorias para cidades como Brava¹⁰” (Sayid, 2004, 62), conforme testemunho da médica somaliana Amyna Sayid.

Assim como os testemunhos, alguns poemas somalianos produzidos no final do século XX também compartilham as vivências dessas mulheres (de)marcadas por um contexto socio-histórico específico. O poema citado a seguir que, segundo Bushra e Gardner (2004, 175) seria de autoria da somaliana Hawo Jibril, teria sido escrito logo após a independência da Somália em 1960. O poema *Sisters* revela não só a participação ativa das mulheres nas lutas pela independência, mas também um certo desencanto com a falta de reconhecimento da atuação das mulheres no processo e com os desdobramentos ocorridos no período pós-independência.

Sisters

Sister, you sold your jewellery
Depriving yourself,
Enriching the struggle.

Sisters, you stayed as one,
United, even when your brothers
Divided and deceived our nation.

Sisters, you joined the fight –
Remember the beautiful one,
Hawa – stabbed through the heart.

But, sisters, we were forgotten!
We did not taste the fruits of success
Even the lowest positions
Were not offered
And our degrees were cast aside as dirt.

Sisters, was this what we struggled for?

(Jibril, 2004, 175).

10 “Displaced women became householders and started establishing small business in and around Brava. Some even risked going into the war zones to bring back goods to towns like Brava” (Sayid, 2004, 62).

O nome Hawa evocado no poema possivelmente é uma referência direta a Hawo Tako - também conhecida como Xaawo Taako or Hawa Osman-, a imagem de uma mulher que estampa a nota de 100 *shilin soomaali*¹¹. Dentro da tradição oral somali, a figura feminina teria existido e se tornado um símbolo da importância da participação das mulheres somalianas nas lutas pela libertação do domínio colonial e pela independência. Acerca dos poemas escritos por mulheres somalianas, as pesquisadoras somalis Dahabo Farah Hassan, Amina H. Adan e Amina Mohamoud Warsame afirmam que

A poesia é importante na vida somali. [...] No entanto, você nunca vai ouvir falar de uma grande mulher poeta na história da Somália, enquanto tem havido um grande número de poetas masculinos célebres, cujos poemas foram documentados e memorizados por um grande número de pessoas. [...] Isso, é claro, não significa que não houvesse mulheres poetas; mas a realidade é que ninguém, nem os estrangeiros nem os próprios somalis, se importavam em ver a literatura feminina e seus temas como importantes o suficiente para serem registrados. Mesmo as próprias mulheres não viam a sua importância porque internalizaram a ideia de que sua cultura era de menor importância que a dos homens¹² (Hassan; Adan; Warsame, 1997, 168).

Nesse sentido, as vozes das mulheres somalianas que se manifestam por meio dos poemas rompem também com padrões discursivos que constituem as dinâmicas de apagamento que entrelaçam as próprias formas de expressão local. Através das mais diversas formas de enunciação e expressão criativa, a voz poeta de Nadifa Mohamed, embora rara, também segue se autoinscrevendo em *The symphony*.

The symphony

You: Will you forget me?
 Me: I will never forget you.
 You: Do you remember the sweetness of my milk
 Me: Like the taste of my blood.
 You: Can you feel the nape of my neck?
 Me: It is not hot to touch.
 You: Do you remember my eyes?

11 Disponível em: <https://sister-hood.com/sister-hood-staff/hawo-tako-1930s-1948/>. Acesso em 01 jun. 2024.

12 “Poetry is important in Somali life. [...] Yet, you will never hear of a great woman poet in Somali history, while there have been a great many celebrated male poets, whose poems have been documented and memorized by a large number of people. [...] This, of course, does not mean there were no women poets; but the reality is that nobody, neither foreigners nor the Somalis themselves, bothered to view women’s literature and the themes they talked about as important enough to be recorded. Even the women themselves did not see their importance because they had internalized the idea that their culture was of less significance than men’s” (Hassan; Adan; Warsame, 1997, 168).

Me: I see the world through them;
 You: You carry my soul.
 Me: It is a burden.
 You: Cast it off.
 Me: Then I will be free, lost unmoored.
 You: Sing to raise the dead and give life to the living.
 Nufyahary orodoo arligi qaboo, halkii aad ku ogeyd ka soo eeg.
 Me: I have lost your language.
 You: It is in your footsteps, in the click of your fingers, in your howl of pain.
 Me: I can howl no more.
 You: Then sing.
 (Mohamed, 2019, 700)

A presença no poema de referências à cultura somali, como o alimento que constitui a dieta local (e.g. *milk/leite*), a memória, a língua somali, o místico (e.g. referência aos mortos e vivos), a cultura oral (e.g. *sing/cantar*), um léxico que remete à posição geográfica da Somália que é banhada pelo mar, possibilitando o transporte marítimo (e.g. *unmoored / desatracado*), entre outros elementos, compõem a sinfonia a qual remete diretamente o título do poema. É uma sinfonia composta das multiplicidades e tensões que atravessam vivências somalianas locais e diaspóricas.

Essas tensões que subjazem *The symphony* também atravessam ensaios autobiográficos de mesma autoria como *Fragments of a Nation* (2012a). Conforme já observado em um outro estudo (Oliveira, 2019), no referido ensaio, Mohamed descreve os rastros de uma memória fragmentada, tendo como ponto de partida sua chegada ao solo inglês quando ainda jovem, em 1986. Mohamed faz questão de descrever o solo inglês de então como ‘tarmac’ (asfalto), certamente contrapondo-se não só à experiência da cultura somaliana que tinha até então, mas também às dificuldades encontradas na busca por oportunidades, como a própria afirmaria posteriormente¹³ no referido texto. Nesse contexto de ressignificação de memórias fragmentadas desde sua chegada definitiva a Londres e de constante contato com narrativas da diáspora somaliana através de outros somalianos que chegavam nas mesmas condições, Mohamed afirma que “nem o passado, o presente ou o futuro pareciam fáceis de falar sobre; foi nesse momento que se tornou evidente que não haveria retorno à nossa casa – que eu devo ter me tornado desancorada/desatracada, à deriva espiritualmente [vagando] de um lugar para outro e depois de volta¹⁴” (Mohamed, 2012a).

13 “The soil was hard though, hostile and acidic, and instead of finding opportunity, Mahmoud was forced to live apart from his family and eventually accused of the murder of a jeweller.” (Mohamed, 2012a)

14 “Neither the past, the present or the future seemed easy to talk about, it was at this moment when it became apparent that there would be no return to our home – that I must have become unmoored, drifting spiritually from one place to another and then back again” (Mohamed, 2012a).

Observa-se, mais uma vez, os múltiplos sentidos do termo *unmoored* / *desatracada* que é empregado metonimicamente e metaforicamente e ecoa não só a posição geográfica da Somália e os desdobramentos no cenário geopolítico, mas também serve como um meio de traduzir transculturalmente esse processo de descentramento e fragmentação da identidade cultural de Nadifa Mohamed, a qual foi atravessada por rupturas e múltiplos deslocamentos. Cabe destacar o impacto do entrelaçamento de vivências intergeracionais, tendo em vista que o pai de Mohamed teria chegado a Londres anos antes em um navio e que, por muitos anos, sua fonte de renda se daria a partir de trabalhos realizados em navios mercantes que viajariam o mundo. Observa-se que esses elementos presentes na voz de Nadifa Mohamed que remetem à fluidez e múltiplos trânsitos transcontinentais que caracterizam a vida marítima, tendem a protagonizar as memórias das mulheres africanas de diferentes formas. No entanto, cabe lembrar que, conforme afirma Ana Mafalda Leite, “[...] É praticamente insustentável qualquer generalização que conduza a elaborações teóricas que não levem em conta as especificidades regionais e nacionais africanas” (Leite, 2012, 29). Nesse sentido, é sempre importante lembrar que o estudo da inscrição das vozes das mulheres africanas deve ser realizado a partir de suas especificidades.

Em seus ensaios críticos publicados na Coluna de Opinião de um jornal diário nacional britânico independente, Nadifa Mohamed reflete criticamente acerca da histórica luta pela sobrevivência do povo somali em seu próprio país e na diáspora. Entre os problemas que se apresentam para os somalianos na diáspora, por exemplo, é a falta de reconhecimento de seus direitos e de suas necessidades, conforme aponta Mohamed, “[...] é uma pena que precisemos reafirmar o nosso direito de estar aqui; que não importa quanto tempo ficemos aqui ou com que contribuamos, permaneceremos eternos estranhos¹⁵” (Mohamed, 2018). Pensar em futuros possíveis para sua terra natal também faz parte de seu escopo. Em *The way to a new Somalia*, por exemplo, Mohamed destaca a importância de um apoio internacional estratégico e planejado e propõe uma releitura/reinterpretação dos acontecimentos visando (re)pensar caminhos possíveis para a (re) construção de sua terra natal:

O foco do Ocidente nos piratas e militantes, embora compreensível, pode parecer muito míope do ponto de vista somali; eles são os sintomas da disfunção e não as causas dela. [...] Uma estratégia mais sensata e menos dispendiosa seria imitar o processo de reconciliação e de criação de instituições observados na Somalilândia¹⁶ (Mohamed, 2012b).

15 “[...] *it is a deep shame that we need to reaffirm our right to be here; that no matter how long we stay here or what we contribute, we remain eternal strangers*” (Mohamed, 2018)

16 “*The western focus on pirates and militants, although understandable, can seem very myopic from a Somali viewpoint; they are the symptoms of dysfunction rather than the causes of it. [...] A saner and less costly strategy would be to emulate the process of reconciliation and institution-building seen in Somaliland.*” (Mohamed, 2012b)

Nesse sentido, Mohamed parece propor uma mudança de perspectiva sobre qual seria a causa e efeito da instabilidade do referido cenário como um possível meio para o planejamento de medidas mais eficazes. Através dos artigos de opinião, Mohamed inscreve sua própria voz enquanto mulher somaliana nas reflexões acerca das questões locais e apresenta um campo de possibilidades para que outras mulheres possam encontrar novas formas de participação, protagonizando os processos de mudanças que visam atender às necessidades da população localizada no Chifre da África e redondezas.

Por fim, vale destacar o conto como um outro meio de inscrição de vozes das mulheres africanas. *Party Girl*, de Nadifa Mohamed, é um conto que faz parte da coleção organizada por Tracy Chevalier e intitulada “*Reader, I married him: Stories inspired by Jane Eyre*”. Chevalier afirma que a frase “*Reader, I married him*” de autoria de Charlotte Brontë é uma das mais famosas na literatura inglesa (Chevalier, 2019). Essa frase, lida por Chevalier como uma voz que anuncia o protagonismo de Jane Eyre na narrativa de sua própria história e que, de alguma forma, desafia sociedade vitoriana cujas rígidas convenções sociais relegava a mulher do referido contexto ao apagamento, serviu como ponto de partida para Mohamed. O conto apresenta uma narradora em primeira pessoa que descreve as transformações e tensões que atravessam uma jovem somaliana que cresce em um país ocidental. “Ele” acontece em sua vida já na fase adulta quase que de forma mística: “Ele veio à nossa porta pedindo ajuda, como um gênio em uma das histórias de Shahrazad, segurando um pedaço de papel com um endereço escrito nele¹⁷” (Mohamed, 2016, Kindle). Na cultura somali, a figura mística do gênio/*jinn* mencionada na passagem anterior se faz presente em histórias da tradição oral.

O conto é caracterizado pela vasta presença de vocábulos da língua somali, bem como pela descrição de hábitos, crenças e outros elementos que remontam à cultura somali. Entre os contrastes da cultura somaliana e a inglesa representadas através da narrativa ficcional, a personagem, que já na fase adulta teria se matriculado em Sheldonian, estudado literaturas de língua inglesa e lido de Beowulf a Baldwin e Morrison, pondera a respeito de sua vivência diaspórica e sua busca por afetos:

Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; brincadeira, foi simplesmente o pior. Você poderia dizer que eu estava procurando alguém para tornar tudo melhor, mas isso realmente não vai onde deveria ir, era mais que eu precisava de alguém (mas não de qualquer pessoa) para fazer o resto da minha vida valer a pena. “A mente é o seu próprio lugar e por si só pode fazer do inferno um paraíso, um paraíso do inferno”, como disse Milton [...]. Estávamos todos em pequenos pedaços que não se encaixavam; muitos países, muitas cicatrizes, muitos segredos dentro de nós¹⁸. (Mohamed, 2016, 186)

17 “*He come to our door asking for help, like a jinn in one of Shahrazad’s tales, holding out a piece of paper with an address written on it.*” (Mohamed, 2016)

18 “*It was the best of times, it was the worst of times; jokes, it was just the worst. You could say that I was*

Embora o texto seja curto em sua extensão, *The Party Girl* imprime uma profunda complexidade constitutiva de identidades africanas na diáspora. No referido conto, essa complexidade é traduzida transculturalmente pela voz de uma mulher somaliana que se materializa por meio da encenação de um mosaico de memórias, vivências e sentimentos “em pedaços”, fragmentados, que se sobrepõem, se contrapõem e se (re)compõem. Nesse sentido, o conto imprime a representação de uma identidade em devir e, enquanto tal, caracteriza-se como um processo dinâmico, fluido, contínuo e inacabado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou algumas formas de autoinscrição de existências e subjetividades de mulheres africanas. Entre essas formas, destacam-se romances, poemas, ensaios, contos e testemunhos. Analisou-se brevemente como a escritora somali-britânica Nadifa Mohamed (re)inscreve narrativas e memórias individuais e coletivas que surgem tanto a partir da terra natal quanto da diáspora através de romances, poemas, ensaios e contos. Constata-se que o trabalho de escrita de Nadifa Mohamed resulta em um corpus cujo conteúdo vai de encontro à uma histórica propagação de falácias reducionistas e à prática de simplificação da complexidade. Ao ser indagada sobre o futuro das escritoras somalis, Nadifa Mohamed se mostra otimista e deixa um conselho “[...] O conselho que eu daria é não deixar ninguém te impedir de fazer aquilo que você deseja fazer, seja escrita, poesia, romances, roteiros ou qualquer outra coisa, você tem uma perspectiva única do mundo que deve ser ouvida¹⁹” (Mohamed²⁰, 2011). Nesse sentido, urge não só a produção, mas também a propagação e o estudo das mais diversas formas de autoinscrição das vozes de mulheres africanas.

Neste artigo há também uma breve análise de alguns testemunhos apresentados na obra *Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women* organizados e editados por Judith Gardner e Judy El Bushra. Nessa obra, observa-se que o testemunho enquanto gênero narrativo se apresenta por meio das vozes das mulheres africanas, mais especificamente da África Oriental, das variadas formas, inclusive no formato de um poema. Os referidos testemunhos são afrografias de memórias fragmentadas, individuais

looking for someone to make it all better, but that doesn't really go where it needs to go, it was more that I needed someone (but not quite anyone) to make the rest of my life worth living. “The mind is its own place, and in itself can make a heaven of hell, a hell of heaven,” as Milton said [...]. We were all in small pieces that didn't fit together; too many countries, too many scars, too many secrets inside us”. (Mohamed, 2016, 186)

¹⁹ “*The advice I would give is don't let anyone dissuade you from what you want to do whether that is writing, poetry, novels, screenplays or whatever, you have a unique perspective on the world that should be heard*” (WardheerNews, 2011).

²⁰ Entrevista concedida à revista digital *WardheerNews*, publicada em 11 de abril de 2011. Disponível em: < <https://wardheernews.com/wdn-interview-with-nadifa-mohamed-the-author-of-black-mamba-boy/>>. Acesso em: 09 jul. 2024.

e coletivas e têm um impacto direto nas relações entre as mulheres somalianas, tendo em vista que, conforme sugerem Judy el Bushra e Judith Gardner, “as mulheres usaram versos para construir apoio para o empoderamento das mulheres e direitos humanos”²¹ (Bushra; Gardner, 2004, p. xiii), a partir de um momento sociohistórico específico, por exemplo. Nesse sentido, cabe destacar que as escritas selecionadas para o presente estudo não só encenam múltiplos formatos de representações das vozes, trajetórias, vivências e olhares das mulheres africanas, mas também revelam a necessidade de um olhar atento para as especificidades que subjazem cada forma de autoinscrição das mulheres nas escritas literárias africanas de expressão em língua inglesa.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, A. P. Literatura de resistência na América Latina: a questão das narrativas de testemunho. **Espéculo. Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, nº 37, 2008. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero37/nartesti.html>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- APPIAH, K.A. Kwame Anthony Appiah fala sobre a representação da África no Ocidente. [Entrevista concedida a] Guilherme Freitas. **OGlobo**. Publicado em: 05 jan. 2013. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/kwame-anthony-appiah-fala-sobre-representacao-da-africa-no-ocidente-481076.html>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- BERVELY, J. **Testimonio: on the politics of truth**. London: University of Minnesota Press, 2004.
- BRANDÃO, P.R.B. **Excertos da geografia somali na literatura: Uma apreciação da obra “O pomar das almas perdidas”**. *Geosul*. Florianópolis, v. 33, n. 68, p. 350-368, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/2177-5230.2018v33n68p350/37356/200944>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- BUSHRA, J.; GARDNER, J. el. (Eds.). **Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women**. London: Pluto Press, 2004.
- GLISSANT, E. History-Histories-Stories. In: GLISSANT, E. **Caribbean discourse: selected essays**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1999. p. 61-65.
- HASSAN, D.F.; ADAN, A.H.; WARSAME, A.M. Somalia: Poetry as Resistance against Colonialism and Patriarchy. In: WIERINGA, S. (Ed.). **Subversive women: women’s movements in Africa, Asia, Latin America and the Caribbean**. London and New Jersey: Zed Book Ltd, 1997. p. 165-182.

21 “*Women have used verse to build support for women’s empowerment and human rights*” (BUSHRA; GARDNER, 2004, p. xiii).

JIBRIL, H. Sisters. In: BUSHRA, J.; GARDNER, J. El. (Ed.). **Somalia – the Untold Story**: the war through the eyes of somali women. London: Pluto Press, 2004. p. 175.

LAVERDE, S. D. S. **Resistência feminina e feminismo africano em ‘Without a Name’, de Yvonne Vera**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

LEITE, A. M. Empréstimos da oralidade na produção e crítica literárias africanas. In: LEITE, A. M. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, [2013] 2018.

MOHAMED, N. **Black Mamba Boy**. New York: Picador, 2010.

MOHAMED, N. WDN Interview with Nadifa Mohamed: The Author of Black Mamba Boy. **Wardheernews**. Publicado em 21 abr. 2011. Disponível em: <https://wardheernews.com/wdn-interview-with-nadifa-mohamed-the-author-of-black-mamba-boy/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

MOHAMED, N. Fragments of a Nation. **Granta**. Londres, 24 maio 2012a. Disponível em: <https://granta.com/fragments-of-a-nation/>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MOHAMED, N. The way to a New Somalia. **TheGuardian**. Opinion: London Conference on the Future of Somalia. Londres, Mar 2012b. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/mar/04/way-new-somalia-london-conference>. Acesso em: 08 jul. 2024.

MOHAMED, N. **The Orchard of Lost Souls**. New York: Picador, 2014.

MOHAMED, N. The Party Girl. In: CHEVALIER, T. (Ed.). **Reader, I Married Him**: Stories inspired by Jane Eyre. London: Borough Press, 2016. p. 183-190.

MOHAMED, N. Britain’s hostile environment has been a century in the making. **The Guardian**. Londres, 29 Abr. 2018. Opinion: Immigration and Asylum. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/apr/29/britain-hostile-environment-century-making-migrants-brutality-windrush-scandal>. Acesso em: 08 jul.2024.

MOHAMED, N. The symphony. In: BUSBY, M. (Ed.). **New Daughters of Africa**: An international anthology of writing by women of African descent. Myriad Editions: London, 2019. p. 698-700.

MOHAMED, N. **The Fortune Men**. UK: Penguin Books, 2022.

OLIVEIRA, Valeria Silva de. **Narrativas da diversidade africana**: fragmentos, memória e resistência em *Black Mamba Boy* e *The Orchard of Lost Souls*, de Nadifa Mohamed



e *A Grain of Wheat*, de Ngugi wa Thiong'o. 2019. 297 f. Tese (Doutorado em Letras)
- Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/5987>. Acesso em: 01 jun. 2024.

OSMAN, H. Testimony I: Habiba Osman. In: BUSHRA, J.; GARDNER, J. el. (Ed.). **Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women**. London: Pluto Press, 2004. p. 41-49.

SAYID, A. Testimony 2: Amina Sayid. In: BUSHRA, J.; GARDNER, J. el. (Ed.). **Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women**. London: Pluto Press, 2004. p. 59-67.